



# MEMÓRIA, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA INCLUSIVA

## EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

*Josiane Eugênio<sup>1</sup> (josiane.eugenio@ufsc.br)*  
*Elison Antônio Paim<sup>2</sup> (elison0406@gmail.com)*

### Introdução

Neste primeiro momento da escrita do texto, estabelecemos uma breve reflexão teórica sobre os estudos benjaminianos para pensar na formação dos professores dentro do cenário da diversidade e inclusão no contexto da escola. A partir disso, pretende-se deslindar um breve olhar para algumas das concepções sobre a formação de professores. Inicialmente, pensando de que maneira as memórias influenciam na construção de subjetividades, na reflexão de sua própria ação, no contexto da coletividade e revela-se no sentir-se e no fazer-se professor. Seria possível pensar uma escola inclusiva a partir da perspectiva de Walter Benjamin?

Acreditamos que ouvindo as narrativas desses sujeitos, possa-se despertar também para uma problemática de investigação em percurso inicial: Como os professores constituem suas concepções acerca da Educação Especial? Que experiências familiares, sociais, educacionais aparecem em suas memórias quando narram as relações com pessoas com deficiência? Pode-se, por meio dessas narrativas, perceber indícios pela escolha ou não da profissão? Até que ponto somos autômatos, enredados pelas teias de um capitalismo que associa a educação dos sujeitos à produtividade de seus corpos e que, muitas vezes, seleciona, rotula, desqualifica e exclui o "outro", o "não-eficiente", aquele que não consegue atingir o mesmo nível de desempenho acadêmico?

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2013). Graduação em Pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2009). Professora de Educação Especial no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996), graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (1986). Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), lotado no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) do Centro de Educação. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Líder do Grupo de Pesquisas Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC -UFSC), vice-líder do Grupo de Pesquisas Rastros (USF), membro do Grupo de Pesquisas Kairós (Unicamp).



Este estudo visa, principalmente, refletir sobre as maneiras que os professores pensam, rememoram o vivido e intercambiam as experiências vividas no espaço escolar, mas também fora dele, pensando justamente nas memórias, de como se dá o fazer-se professor em uma escola inclusiva, compreendendo que poderá ser revelado nesse itinerário professor x professor x aluno x escola, um imenso campo de possibilidades.

### **Considerações sobre a formação de professores e a educação inclusiva**

Olhar para a formação dos professores que atuam numa escola inclusiva, pode ser o primeiro passo para se pensar e compreender algumas posturas, muitas vezes, arraigadas dos saberes docentes e do "mal-estar docente" sobre a inclusão de estudantes com deficiência em âmbito escolar.

Da mesma forma, é importante identificar as concepções desses educadores acerca da educação especial, sob algumas óticas nem sempre enfocadas pela escola, entendendo que o processo de formação inicia no momento da graduação, mas se estende por toda a vida profissional.

Partindo do entendimento de ser humano enquanto sujeito histórico e cultural que vive em permanente formação, é possível, por meio de uma prática reflexiva, identificar atitudes formadoras, na medida em que essa possibilita ressignificar fatos, levando a agir conscientemente sobre o seu próprio processo de formação. Inscreve-se assim, o professor, num movimento de "reflexão-formação" e passa a ser compreendida (quem? O quê?) a partir da relação dialética existente entre o ser pessoal e o ser profissional.

A formação para uma escola inclusiva deve privilegiar a prática reflexiva, ancorada na realidade em que o docente, independente de sua formação/especialidade, percebe-se enquanto "sujeito praticante-reflexivo", ou seja, precisa pensar constantemente sobre o seu fazer-se professor.

Paim (2005), ao falar do fazer-se professor, mostra que se trata de um processo contínuo, que ocorre ao longo de toda a vida e não apenas num determinado lugar ou momento, pois enquanto seres humanos somos seres com particularidades individuais e estamos nos fazendo constantemente.

Afinal, que sujeitos queremos formar? Para viver em sociedade ou para reproduzir mão de obra que possa dar continuidade ao sistema capitalista no qual estamos inseridos? Ousa-se dizer que Benjamin escreveria, hoje, aos professores que olhem para além da educação utilitária, a qual decreta o fim da experiência reflexiva, que sensibilizem seus olhares e os sentidos dos seus alunos para que de fato o conhecimento alcançado seja



compreendido, e que esse tenha relação com a "vida" e não para o mercado de trabalho, afinal quais saberes a escola pretende valorizar? Que formações ela pretende constituir?

É fundamental refletir sobre a formação dos educadores nesse movimento de educação inclusiva. Até que ponto nós professores temos tido consciência de nossas ações, posturas e discursos se nós negamos, muitas vezes, a despertar para o universo de tudo aquilo que é diferente e perpassa o padrão de normalidade; tudo aquilo que desestabiliza o sistema e apaga quaisquer possibilidades de homogeneização, categorização e "prontuarização" no contexto escolar?

Na tentativa de encontrar uma maneira de produzir uma aproximação e compreensão dos fenômenos a partir da revisitação às memórias de professores, acredita-se que podem ser realizadas pesquisas no âmbito da formação como um processo que tem a dialogicidade, a narrativa e a memória como fio condutor, por meio do diálogo com Walter Benjamin.

Faz-se importante construir uma cultura reflexiva, voltada à problematização das práticas inclusivistas, ou não, na contemporaneidade, situada nessa escola. Tais práticas podem ser focalizadas na relação com a (re)significância das memórias (pessoais/profissionais/coletivas) dos narradores envolvidos, bem como na relação com a macro-história e na história aberta.

Rememorar o tipo de educação e de escola que se teve durante a infância, por exemplo, pode trazer muitas reflexões à tona. Relembrar faz parte da experiência! Sempre se está lembrando algo que aconteceu ou que afetou positiva ou negativamente. Toda percepção do presente se funde em lembranças do passado, porque ele nos cerca e confirma o que somos (GAGNEBIN, 2014).

Esse retorno ao passado que ao ser rememorado é reinventado, e ao voltar à tona no presente é ressignificado, pois volta mais fortalecido, mostra que o estudo da memória será também um estudo das histórias de vida e identidades docentes.

Para nós pesquisadores da Memória, estas fontes, antes negligenciadas, são vistas como documentos que possibilitam incorporar as vozes dos professores e professoras, a fim de melhor compreender processos de escolarização, metodologias de ensino, profissionalização docente, aprendizagem de leitura e da escrita, práticas avaliativas, entre muitos outros aspectos. (MIGNOT, 2007, p. 46).

Nesse sentido, pensando-se na questão das narrativas do modo como o docente percebe as situações concretas do seu próprio percurso educativo, notamos que as



memórias influenciam no modo de ser, compreender e estar no mundo, visto que o passado e as memórias de algum modo influenciam o modo de pensar, experienciar e agir sobre as circunstâncias que nos são apresentadas no decorrer da vida. Ou seja, refletem diretamente sobre o modo como os docentes imprimem as marcas de suas práticas e seus fazeres docentes durante todo seu percurso.

Acreditamos que é possível entrelaçar as concepções de memória, de história e de educação (inclusiva) já que, felizmente, a história não está fechada, pronta e acabada e poderá ser reescrita a cada momento.

### **Considerações finais**

As provocações apresentadas neste texto revelam a complexidade presente no sentido de pensar de que maneira as memórias influenciam na construção de subjetividades, no contexto da coletividade e da formação docente, e revela-se no sentir-se, fazer-se e no ser professor de alunos no contexto da escola inclusiva.

As reflexões realizadas nesta comunicação são importantes para pensar que nesse modelo, não há espaço para o professor "prático", cujo interesse dominante reside nos modelos que promovem certezas e técnicas de como se deve fazer alguma coisa, imaginando, assim, que haveria uma "receita pronta" para transmitir o conhecimento de forma linear. Essa visão minimalista está calcada na divisão racional do trabalho, fruto do capitalismo no qual fazemos parte e que, muitas vezes, nos aprisiona em sua "gaiola de aço", como diria Benjamin.

No entanto, quando se traz para a formação de professores categorias benjaminianas como experiência, linguagem, memória, compreende-se que é possível sair do estigma de formação no sentido literal da palavra e vislumbrar uma nova e outra formação que ofereça possibilidades do professor se fazer professor.

Uma possibilidade de escuta e retorno do trabalho docente poderia vir por meio das narrativas dos demais atores/autores que pertencem ao cenário da escola (referindo-se, aqui, às pessoas com deficiência que, historicamente, são invisibilizadas na construção da sua própria história, já que especialistas e familiares, muitas vezes, autorizam-se a falar por eles e sobre eles). Atribuir aos estudantes com deficiência o papel de narradores de suas próprias histórias poderá desvelar muito do que se pode construir em termos de educação inclusiva.

### **Referências**



GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**. Ensaaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

MIGNOT, Ana Chrytina Venâncio. Diários, formação e projeto pedagógico da escola: memória em construção *In: Histórias de vida e formação de professores*. SEED MEC: Brasília, mar 2007, Boletim 1. p.41-48.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor (a)**. 2005.532f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2005.